AS "BATALHAS" DOS ROSADOS: POLÍTICA E CULTURA EM MOSSORÓ-RN (1948-1967)

THE "BATTLES" OF THE ROSADOS: POLITICS AND CULTURE IN MOSSORÓ-RN (1948-1967)

Balbino Aires Costa*

Resumo: Este artigo analisa os investimentos que a prefeitura de Mossoró, no início dos anos 1940, sob a administração de Dix-sept Rosado, realizou para a construção do que seria a cultura dessa cidade. A partir da década de 40, a utilização do conceito de cultura tornou-se elemento chave na administração pública de Mossoró. Uma cultura que seria veiculada e que estaria vinculada à criação de uma biblioteca, um museu, uma universidade, e à realização de várias palestras sobre as temáticas da cidade. O movimento que se ocupou em construir essa cultura para a cidade foi intitulado *Batalha da Cultura*. Tal movimento contou unicamente com esforços da prefeitura, mas também dos intelectuais de Mossoró e de outros municípios do estado do Rio Grande do Norte. Dessa forma, o objetivo dessa política cultural era a promoção de uma cultura letrada e científica sobre o espaço mossoroense e, por conseguinte, a construção da sua própria identidade.

Palavras-chave: Política; Cultura; Mossoró.

Abstract: This article analyzes the investments that the City of Mossoró, in the early 1940s, under the administration of Dix-sept Rosado, held for the construction of what would be the city's culture. From the 40s, the use of the concept of culture has become a key element in public administration of Mossoró. A culture would be conveyed and be linked to creation of a library, a museum, a university, and the completion of several lectures on the themes of the city. The movement engaged in building the culture of the city was entitled *Batalha da Cultura*. This move not only told by the efforts of city hall, but also of intellectual Mossoró and other municipalities in the state of Rio Grande do Norte. Thus, the goal of this cultural policy was the promotion of a literate culture and scientific about the space mossoroense and therefore the construction of their own identity.

Keywords: Politics; Culture; Mossoró.

* Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2009);Professor efetivo de historiografia brasileira da Universidade Potiguar (UNP). Endereço de e-mail: bruno_balbino@hotmail.com

Em março de 1948, a cidade de Mossoró acabara de eleger como prefeito Dix-sept Rosado, empresário do ramo de exploração e exportação de gesso, ligado partidariamente à União Democrática Nacional (UDN), que teve como oposição o pessedista Sebastião Fernandes Gurgel Filho, também empresário, vinculado ao setor bancário. As disputas políticas em Mossoró estavam relacionadas às dissensões políticas no cenário estadual no final da década de 40.

Com o retorno da existência de partidos políticos pós-Estado Novo, as principais forças partidárias do Rio Grande do Norte se localizaram, principalmente, em torno de três partidos principais: o Partido Social Democrático (PSD), liderado por George Avelino; a UDN, com José Augusto Bezerra de Medeiros, Dinarte Mariz e Juvenal Lamartine à frente; e o Partido Social Progressista (PSP), chefiado por Café Filho. Nesse período, as organizações partidárias se agruparam em alianças e coligações, prática permitida pela legislação, a exemplo das campanhas para o Governo do estado do Rio Grande do Norte, em 1947, e das disputas pelas prefeituras municipais, em 1948. Nesse momento, a UDN e o PSP se uniram, formando o bloco dos *Coligados* para fazer frente ao PSD nas campanhas para o Governo estadual e municipal.

Para concorrer ao cargo de governador do estado nas eleições de 1947, o PSD lançou a candidatura de José Augusto Varela, enquanto os Coligados apresentaram como candidato o desembargador Floriano Cavalcanti de Albuquerque. Com a maioria dos votos, o pessedista José Augusto Varela saiu vitorioso do pleito, porém sua posse foi contestada. Por conseguinte, foi anulada em virtude de uma ação judicial movida pelos Coligados, que alegaram fraude na contagem dos votos. O Tribunal Regional Eleitoral (TRE) deu ganho de causa para a ação judicial dos Coligados, entendendo que houve fraude e coação em algumas zonas eleitorais. Com a anulação das votações, a candidatura da coligação UDN/PSP foi proclamada vitoriosa (A ORDEM, 1947). É válido destacar que a alegação de fraude em um processo eleitoral era uma prática política constante no Brasil durante os pleitos políticos, tanto no âmbito estadual e municipal como também em nível nacional (DELGADO, 2010, p. 210).

Contestando a decisão do TRE, o PSD buscou na instância máxima da justiça eleitoral a anulação da vitória política dos Coligados, fazendo valer, desse modo, a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e, consequentemente, a consagração do pessedista, José Augusto Varela para o cargo de governador do estado em 1947 (A ORDEM, 1947).

Essas disputas políticas entre o PSD e os Coligados no cenário do governo estadual refletiram nos embates pelo poder nas prefeituras do estado, nas eleições de 1948. Em Mossoró, as confrontações acompanharam o ritmo do processo político estadual, obedecendo, dessa maneira, à mesma distribuição partidária: de um lado o PSD, do outro os Coligados da UDN/PSP.

Para se consolidar politicamente na prefeitura de Mossoró em 1948, o PSD tinha como proposta inicial – irônica e contraditoriamente –, agrupar a UDN e o seu aliado PSP numa união na qual seria suprimida a oposição, ocorrendo então confluência dos grupos políticos no poder municipal. Segundo a liderança pessedista local, representada por Vicente de Mota Neto, o motivo da aliança com os Coligados seria "a pacificação das forças políticas municipais" (O MOSSOROENSE, 1948). Diante disso, uma questão pode ser colocada: por que o PSD, partido de uma considerável força política tanto na esfera estadual como no âmbito federal, buscou uma aliança política com os Coligados oposicionistas em Mossoró? Se ambos disputaram ferrenhamente o Governo do estado em 1947, por que um acordo político em Mossoró, em 1948?

O PSD tinha dificuldades na escolha de um candidato que fizesse frente a Dix-sept Rosado no pleito municipal de 1948. Faltando pouco mais de um mês para as eleições, o partido pessedista ainda oscilava entre os nomes de Almir de Almeida Castro e Sebastião Gurgel Filho – este último foi o escolhido para a candidatura – para concorrer à prefeitura de Mossoró (O MOSSOROENSE, 1948). Mesmo com uma grande força política no estado, o PSD não possuía o mesmo domínio em Mossoró que contava na esfera estadual. Nessa cidade, os Coligados eram majoritários e a candidatura em torno de Dix-sept Rosado evidenciava ter mais vigor.

Boa parte do prestígio político que Dix-sept gozava na cidade estava relacionado à atuação anterior dos seus irmãos Dix-huit e Vingt Rosado no cenário político estadual e municipal[1], além de dispor de uma boa situação financeira em consequência do sucesso das empresas de sua família com a exploração e exportação de gesso, o que favoreceu sua participação política (FELIPE, 2001, p. 84). Dix-sept Rosado ainda contava com o apoio da classe operária de Mossoró, ligada ao PCB[2], devido, em grande parte, a sua prática política caracterizada por uma campanha com discurso pela defesa da classe trabalhadora, rendendo-lhe o apoio das camadas populares. É interessante evidenciar que a UDN no Rio Grande do Norte se aproximou do PCB, algo impensável do ponto de vista da política nacional. Da perspectiva da realidade política federal, o PCB e a UDN estavam diametralmente em lado opostos. No Rio Grande do Norte, a realidade dos conluios do poder estava inversa à realidade parlamentar nacional. O cenário favorável aos Coligados permitiu que os partidários do PSD retomassem a estratégia de campanha buscando o que chamavam de "pacificação da política local", tendendo para uma união das duas principais agremiações políticas do estado.

[1] Dix-huit foi eleito deputado estadual em 1947, e Vingt Rosado eleito vereador em 1946.

[2] Tendo em vista que esse partido foi alijado do poder por causa de uma medida aprovada pelo Congresso Nacional durante o governo de Dutra, cassando os parlamentares comunistas. Dessa forma, os partidários do PCB foram cooptados a votarem no candidato da UDN, não por uma questão partidária, mas pela prática política desenvolvida pelo próprio Dix-sept Rosado, caracterizada pela defesa da classe operária (SILVA, 2004, p. 101-102).

Sabendo do prestígio e da força política dos Coligados em Mossoró e da falta de um nome forte para concorrer com a oposição, o PSD envia uma proposta partidária que pudesse "resolver" os impasses políticos entre ambos, ao mesmo tempo que possibilitasse uma aliança que minasse a oposição, e, por conseguinte, garantisse o PSD na administração pública municipal.

Nesse sentido, o partido pessedista enviou, em janeiro de 1948, uma proposta aos Coligados para um possível acordo político no âmbito municipal. A cúpula da UDN/PSP local aceitou avaliar a proposta do PSD e, no dia 30 de janeiro de 1948, houve uma reunião entre tais grupos para que o projeto de composição política fosse apresentado (O MOSSOROENSE*,* 1948). A proposta pessedista seria: o prefeito sairia de uma lista tríplice que o PSD enviaria à coligação, no caso, Sebastião Gurgel Filho, Olavo Maia e Francisco Mota; o vice-prefeito seria dos Coligados (UDN/PSP), também em lista de três nomes a ser organizada; e ambos partidos possuiriam número igual de vereadores, porém se reservaria ao PSD o direito de opinar sobre um dos candidatos udenistas (O MOSSOROENSE*,* 1948).

Diante da proposta pessedista, os Coligados apresentaram uma contraproposta dividida em quatro partes: 1) "Considerações gerais", em que os dois partidos oposicionistas (UDN e PSP) apresentavam as razões de porque não poderiam, em princípio, ser contra a pacificação da "família política mossoroense", mas entendiam que qualquer acordo deveria ser justificado pelas suas razões morais-administrativas, em honra ao povo e a massa do eleitorado; 2) "Exigências de ordem moral", tais como a renovação dos atos que, por meras injunções partidárias, removeram ou demitiram elementos filiados às oposições, severa moralidade administrativa, manifestada, principalmente, por honesta aplicação dos direitos públicos; 3) "Reivindicações de caráter administrativo", como, por exemplo, ser empregado o máximo de esforços no sentido de ser resolvido, no menor espaço de tempo possível, o problema do abastecimento d'água e saneamento de Mossoró, tomando para isso várias medidas, tais como: "se exige que se forneça imediatamente e por meio de poços tubulares, água às populações pobres da cidade, colocando chafarizes públicos nos diversos bairros, de preferência em Baixinha, Bom Jardim, São Manoel, Doze Anos e Alto Conceição"; a elaboração de um plano de urbanização da cidade, o combate à mortalidade infantil e a instalação de uma biblioteca pública municipal; a solução do problema de luz e energia elétrica e o reparo em todas as estradas do município e sua conservação permanente; 4) "No setor político", o prefeito seria um Coligado, em razão de serem majoritários os oposicionistas, ficando o PSD com o vice-prefeito e a metade da Câmara, ou então Lauro Monte seria o prefeito (único nome não coligado que os oposicionistas apoiariam sem restrições), reservando-se os coligados a vice-prefeitura e a maioria na Câmara (O MOSSOROENSE, 1948).

As duas propostas geraram um impasse, pois não atendiam aos objetivos políticos do PSD e nem dos Coligados. Dessa maneira, a delegação pessedista, representada por Mota Neto e Cosme Lemos, negou-se a dar, por escrito, a garantia exigida pela Coligação em relação "à exigência de ordem moral", ponto 2 da contraproposta, aceitando parcialmente os demais itens, com exceção da maioria da Câmara e do vice-prefeito serem escolhidos pelos Coligados, sem a audiência do PSD (O MOSSOROENSE*,* 1948).

O impasse entre as propostas apresentadas pelos grupos políticos teve como desdobramento o fim das negociações no início de fevereiro de 1948, sendo lançadas oficialmente, no mesmo mês, as chapas partidárias para concorrer à prefeitura de Mossoró em 1948. Como já mencionamos, Dix-sept Rosado foi o candidato dos Coligados para prefeito, tendo como vice Jorge de Albuquerque Pinto, enquanto Sebastião Gurgel Filho representou a candidatura pelos pessedistas, apresentando como vice Antônio Mota.

Obtendo uma diferença de 1.435 votos em relação ao adversário, o candidato eleito, Dix-sept Rosado, tinha como base eleitoral o voto das camadas populares premidas pelo discurso de defesa das classes trabalhadoras, como assinalamos anteriormente. Além disso, o sucesso dos Coligados nas eleições de 1948 se garantiu pela construção de um projeto de governo mais amplo do que o PSD tinha sugerido para a administração do município de Mossoró. Vale ressaltar que, diferentemente do partido pessedista, a Coligação tinha uma proposta de Governo que extrapolou os limites da pacificação política. Os Coligados defenderam um projeto que atendesse às necessidades da cidade, como urbanização, saneamento, a questão d'água, combate à mortalidade infantil, a criação de uma biblioteca. Ao passo que o PSD canalizou seus objetivos políticos para acordos de composição partidária. Não havia uma proposta consolidada e concorrente daquela apresentada pelo plano de governo de Dix-sept Rosado em 1948. Seu projeto político enfatizava não só a defesa dos trabalhadores, mas também a luta pelo progresso, pelas transformações urbanas tão necessárias para a cidade de Mossoró, como: a urbanização e o saneamento, o abastecimento d'água e o desenvolvimento cultural.

Em um ano de administração na prefeitura de Mossoró, Dix-sept empreende várias obras na cidade, a saber: instalação de meios-fios, calçamentos, jardins, construções, reformas, alinhamentos, fornecimento de energia e luz elétrica, com o discurso de promover a higienização e embelezamento do município (O MOSSOROENSE*,* 1949). Entretanto, é importante assinalar que o empreendimento da urbanização em Mossoró nos anos 1940 não foi iniciado no governo de Dix-sept Rosado.

De 1937 a 45, o prefeito Luís Ferreira da Mota, "o Padre Mota", já havia realizado um projeto urbanístico, no sentido de embelezamento da cidade, priorizando o calçamento das avenidas e das ruas principais, a cons-

trução da ponte sobre o rio Apodi-Mossoró e arborização. Praças e jardins existentes foram recuperados e outros foram construídos (FELIPE, 2001, p. 79).

Dessa maneira, a urbanização na administração de Dix-sept foi, em grande parte, uma continuação da política urbana do prefeito Mota. Sem dúvida, a urbanização teve um papel importante na gestão de Dix-sept na prefeitura. Contudo, outros empreendimentos foram considerados mais centrais na sua administração, como o abastecimento de água e a cultura[3].

Historicamente, a falta d'água se constituía como um dos problemas mais graves da cidade de Mossoró. Nos anos 1940 e 50, essa situação se tornou mais latente, devido ao crescimento urbano e a necessidade de levar água às camadas populares do município. Os poucos reservatórios de água – em virtude das estiagens –, a insuficiência ou inexistência de poços tubulares e a falta de tecnologia para captar água do subsolo se configuravam como desafios que a prefeitura de Mossoró estaria mais propensa a solucionar nesse momento. Não é ao acaso que essa problemática da água, tão visível para os mossoroenses dessa época, fosse utilizada por Dix-sept como mecanismo de produção de enunciados para cooptar o apoio e a mobilização da sociedade.

Boa parte daquilo que Dix-sept declarava sobre suas ações públicas para Mossoró foi colocado em seu discurso sob o signo da cooperação e do voluntarismo dos cidadãos mossoroenses. Seu discurso objetivou incentivar a "todos" para uma ação conjunta "a favor de Mossoró". É nesse momento histórico que o termo "batalha" surge, para intitular o engajamento dos políticos, das instituições e dos demais setores da sociedade, na mobilização de esforços para solucionar os problemas da cidade. Como exemplo, a busca pela resolução da falta d'água em Mossoró, no final da década de 1940 e começo dos anos 50, foi intitulada *Batalha da água*.

A utilização do termo "batalha", nesse período, esteve ligada ao imaginário do mundo pós-Segunda Guerra Mundial. A guerra ainda permanecia na mente das pessoas. No entanto, o sentido que a palavra "batalha" ganha nesse contexto não se refere a uma luta contra alguém ou algo. Ele designa o esforço e o empenho do Governo local e da sociedade em tentar congregar forças municipais e estaduais, a fim de pressionar os Órgãos Federais para solucionarem a falta de água em Mossoró.

Vale registrar que a *Batalha da água* não contou somente com a mobilização da sociedade mossoroense. A imprensa de Natal também se dispôs a fortalecer as fileiras do movimento, ao publicar artigos de intelectuais que versassem sobre a problemática de Mossoró. Por exemplo, o *Diário de Natal*

[3] A questão da falta de água e o desenvolvimento da cultura tiveram uma maior centralidade e visibilidade durante a gestão de Dix-sept na prefeitura de Mossoró. Por isso que nos detemos nessas duas temáticas.

publicou, em 1949, o artigo de Américo de Oliveira Costa intitulado "A Grande Batalha de Mossoró", no qual convoca o restante do estado a ser solícito com a causa mossoroense:

> Repetimos o que já temos acentuado em sueltos anteriores todos os norte-rio-grandenses, especialmente quantos detêm uma parcela de responsabilidade no poder, devem ajudar os mossoroenses na conquista desse melhoramento, que é qualquer coisa como redenção de um poderoso núcleo de população estadual.

Além da imprensa mossoroense e natalense, a *Batalha da água* extrapolou, inclusive, as divisões partidaristas, agrupando setores da oposição que também se uniram à questão[4]. Em grande medida, mesmo contando com o benemérito da imprensa local e estadual, dos políticos oposicionistas e da sociedade mossoroense, Dix-sept Rosado se utilizou dos "esforços de todos" para construir o seu próprio lugar de agenciador da *Batalha da água*, colocando-se à frente da "batalha", pedindo o apoio e a colaboração dos diversos setores da sociedade no sentido de "chamar a atenção" do poder federal para a questão da falta d'água na cidade.

Em 1949, o Governo Federal mostra os primeiros sinais de solução para o problema d'água em Mossoró. Através do *Plano Salte*, política econômica do presidente Eurico Gaspar Dutra, houve a promessa de disponibilidade de recursos financeiros da União para que o problema da água na cidade fosse, de fato, resolvido, como estampou no seu frontispício o jornal *O Mossoroense,* do dia 3 de julho de 1949: "Mossoró venceu a Batalha da água". Não só Mossoró, mas a projeção e a imagem de Dix-sept Rosado saem vitoriosos dessa "batalha". No entanto, havia, paralelamente, outra "batalha" a ser "travada" na administração de Dix-sept na cidade: a *Batalha da Cultura*.

A questão do abastecimento d'água e a busca pelo desenvolvimento cultural do município são consideradas como empreendimentos principais da gestão de Dix-sept na prefeitura, por isso que são nomeados de "batalhas". Ao serem chamadas de "batalhas da", a água e a cultura se transformam em sujeitos e personagens de suas próprias lutas. Entretanto, vale salientar que também se tornaram os motivos centrais de se "batalhar" a favor de Mossoró, legitimando o próprio poder de Dix-sept Rosado na prefeitura da cidade.

Diferentemente da *Batalha da água*, a *Batalha da Cultura* teve maior participação dos intelectuais do estado e da cidade, engajados mais por iniciativa própria do que do poder público. Para organizá-la e liderá-la, Dix-sept

[4] Os representantes norte-rio-grandenses no Parlamento Nacional que aderiram ao movimento em favor da solução da água foram: Mota Neto, Georgino Avelino, Ferreira de Souza, José Augusto, Café Filho, Aluízio Alves, dentre outros (*O Mossoroense,* 1949).

Rosado convoca seu irmão, Vingt-un Rosado: aluno de pré-engenharia do Ginásio Osvaldo Cruz, em Recife, nos anos de 1937 a 38, e formado, posteriormente, em agronomia pela Escola Superior de Agricultura de Lavras (atual Universidade Federal de Lavras), Minas Gerais, em 1944. Vingt-un representaria, para o prefeito Dix-sept Rosado, o intelectual que reuniria as condições necessárias para a liderança da *Batalha da Cultura*.

É, de certa forma, estratégica a formação de Vingt-un em agronomia para a família Rosado, que passava a contar com um especialista na resolução dos problemas que seriam característicos da região semiárida, onde se localiza a cidade de Mossoró. Dessa maneira, sua ida a escola agrícola de Lavras demonstra um estratagema da própria família Rosado de reunir em torno de Vingt-un conhecimentos técnicos, sendo ele mesmo um perito, justamente para encontrar cientificamente soluções para os problemas do espaço mossoroense. Ou seja: em vez de se formar em Letras, mais comum aos homens eruditos de sua época, o referido intelectual construiu sua carreira acadêmica na especialização e no comprometimento do desenvolvimento técnico e científico, exatamente para atender e solucionar as demandas da região semiárida, contribuindo, dessa forma, para a modernização das práticas agrícolas e pecuarista no espaço mossoroense.

Dix-sept teria em Vingt-un a confiança para por em prática a proposta de reunir vários conhecimentos acerca dessa espacialidade, além de possibilitar um projeto de desenvolvimento cultural para a cidade, tendo em vista que, segundo o próprio Vingt-un, o seu irmão prefeito não era um homem culto, e sim "dono de uma bela inteligência e de uma marcante sensibilidade para todos os problemas" e tinha iniciado "o maior programa cultural de uma administração municipal em Mossoró". Assim, Dix-sept teria em seu irmão intelectual o organizador da *Batalha da Cultura* (ROSADO, 1978, p. 5).

A escolha de Vingt-un não pode ser vinculada apenas a um ato de nepotismo. Obviamente que o fato de Vingt-un ser irmão de Dix-sept contribuiu para a sua escolha como líder do movimento cultural. Entretanto, sua formação intelectual também colaborou para que o prefeito lhe entregasse as atividades destinadas à formação da identidade cultural mossoroense. Segundo seu biógrafo, Damião Sabino, Vingt-un teria duas missões: lutar pela implantação do ensino superior em Mossoró, conseguindo realizá-lo em 1967 com a criação da Escola Superior de Agricultura, ESAM, hoje Universidade Federal do Semiárido, UFERSA; e desenvolver um trabalho profícuo no setor cultural (SABINO, 1990, p. 13). A implantação de uma universidade em Mossoró e a luta pela cultura na cidade é mais do que uma realização, como registrou Damião Sabino, elas serviram para imortalizar o próprio Vingt-un, como veremos mais adiante.

Em se tratando de cultura, Vingt-un Rosado soube muito bem defi-

ni-la e a entendia a partir da perspectiva do conceito de cultura dos anglo--americanos. Ou seja, aquela antropologia cultural que "interpreta a cultura sob critério amplo, abrangendo tanto os dados imateriais (letras, artes, ciências, filosofia), como os dados materiais (utensílios, aparelhos, instrumentos)" (ROSADO, 1956, p. 51-56).

A antropologia cultural norte-americana já teria em Gilberto Freyre, nos anos 1920 e 30, a representação dessa concepção de cultura no Brasil. Vingt-un seguiu a mesma perspectiva freyreana de pensar a cultura, obviamente influenciado por ele. Por isso, a compreende no sentido lato, múltiplo, diverso, e entendia que sua formação acadêmica teria muito a contribuir com a construção de uma ideia de cultura para o espaço mossoroense.

O universo cultural que Vingt-un Rosado mais explorou e sobre o qual se debruçou nos seus estudos e na sua produção intelectual foi aquele ligado à concepção material de cultura. Suas primeiras pesquisas foram direcionadas para área da geomorfologia. Seu interesse inicial partiu para a dimensão do conhecimento acerca da gipsita. A intenção de estudar esse material esteve vinculada ao período, década de 1940 e 50, em que sua família empreendia negócios na economia de gesso nas áreas adjacentes a Mossoró. Do interesse pelo estudo da gipsita Vingt-un enveredou para os estudos da paleontologia, aplicados, fartamente, às formas calcárias muito presentes na região onde atuava. Da paleontologia veio à aproximação com os estudos geológicos, o que lhe permitiu ingressar na Sociedade Brasileira de Geologia, nos anos 40 (ANDRADE, 2004, p. 22).

Para ele, a geologia, a paleontologia, a mineralogia, a agronomia, entre outras, se configurariam como modos de perceber e aprender sobre a formação do espaço e da própria cultura mossoroense. Sem dúvida, Vingt--un foi um dos primeiros intelectuais de Mossoró a produzir cientificamente estudos, sobretudo, aqueles que estivessem diretamente vinculados com os problemas sociais e econômicos do semiárido, que versaram sobre os aspectos da formação do espaço mossoroense. É por isso que a seca se constituiu em um dos principais temas com que Vingt-un Rosado se preocupou ao longo de sua vida intelectual (Revista Preá, 2003, p. 39-46). Ele era um grande interessado na confluência de vários saberes que produzissem conhecimento acerca do espaço mossoroense, inclusive, o saber histórico. Aliás, a história teve um papel central na formação intelectual vantaniana. Em 1940, patrocinado pela sua mãe, Isaura Rosado Maia, e incentivado por Luís da Câmara Cascudo, Vingt-un teve seu primeiro livro publicado, *Mossoró*, em que escreveu a história da cidade (BRITO, 1986, p. 7).

A carreira intelectual de Vingt-un, portanto, justificava a indicação do seu irmão prefeito, Dix-sept Rosado, para ocupar o cargo maior da *Batalha da Cultura*. Sua concepção de cultura, tanto no sentido material como imaterial, e seu interesse pela história e pelos outros ramos do conhecimen-

to científico endereçados para o estudo do espaço mossoroense, renderam-lhe a direção da *Batalha da Cultura*. Vingt-un foi seu principal agenciador. Inclusive, partiu dele a ideia da criação de uma biblioteca pública para a cidade, sugerindo a Dix-sept que colocasse tal proposta na sua campanha de Governo para a prefeitura de Mossoró em 1948 (ROSADO, 2000, p. 5).

Aceitando a sugestão do irmão, Dix-sept assumiu o compromisso de criar uma biblioteca pública para o município. Cinco dias depois de empossado, o prefeito cumpriu o que tinha prometido em campanha, criando, no dia 5 de abril de 1948, através do Decreto Executivo nº 4, a Biblioteca Pública Municipal de Mossoró, assim inaugurando, segundo o próprio Vingt-un, a *Batalha da Cultura* (ROSADO, 1978, p. 5).

No mesmo dia 5 de abril, Dix-sept Rosado nomeou uma comissão composta por José Romualdo de Souza, José Ferreira da Silva, João Damasceno da Silva Oliveira e Vingt-un Rosado para, sem remuneração, organizar a "batalha" (O MOSSOROENSE, 1948). Nenhum participante da comissão tinha curso de biblioteconomia. Mesmo assim, o trabalho inicial de organização da recém-criada biblioteca foi colocado em prática. Somente entre as décadas de 1950 e 60 é que a prefeitura de Mossoró, em parceria com o Instituto Nacional de Livros (INL) e a SUDENE, começa a investir para assim formar profissionais habilitados para o ofício bibliotecário. Alguns profissionais da área, como Jorge Abrantes e Severino Sílvio Monte, enviados, respectivamente, pelo INL e pela SUDENE, ministraram palestras e cursos intensivos sobre biblioteconomia, possibilitando, por esse turno, a formação dos primeiros técnicos do município (ROSADO, 2000, p. 92-98).

Além da ajuda de outras instituições – como o INL e a Sudene – para suprir as necessidades geradas pela criação da biblioteca pública, como a formação de um quadro para exercer tecnicamente o ofício de biblioteconomista, a prefeitura de Mossoró teve como auxílio a própria população da cidade. Nos primeiros anos da recém-inaugurada biblioteca, muitos cidadãos mossoroenses contribuíram com a doação de livros, prática incentivada pela prefeitura que disponibilizava de pouca verba para compra (O MOSSOROENSE, 1948). Dix-sept e Vingt-un Rosado contavam com o benemérito da população mossoroense, bem como a ajuda de outros órgãos do município, do estado e da União. É por esse motivo que, assim como a questão da água, a cultura passou a ser considerada como "batalha". Obviamente, não por causa de uma luta contra outro projeto cultural concorrente. A *Batalha da Cultura* partiu do esforço conjunto da prefeitura de Mossoró, que liderou o movimento, e da colaboração de vários segmentos da sociedade mossoroense e de outros lugares do país, para o desenvolvimento da cultura na cidade.

Embora fosse encabeçado pelo prefeito Dix-sept, esse movimento não era oficial no sentido administrativo. Não havia um decreto oficial le-

gitimando a "batalha", apesar de diversos elementos a ela ligados fossem provenientes da própria prefeitura. Foi ela que, em grande parte, custeava boa parte dos empreendimentos do movimento.

A *Batalha da Cultura* contou ao longo de sua história com vários patrocinadores e colaboradores, desde intelectuais até instituições do ensino superior, como, por exemplo, a ESAM. Nesse sentido, a "batalha" extrapolou a temporalidade da administração de Dix-sept na prefeitura de Mossoró nos anos 1940. Outros prefeitos em outros momentos históricos deram continuidade ao projeto da política cultural inicializada com Dix-sept[5]. A *Batalha da Cultura* estende-se até a década de 60, quando a ESAM foi criada, e, por conseguinte, patrocina, na década de 70, boa parte dos investimentos ligados à produção da cultura letrada em Mossoró (ROSADO, 1979). No seu início, foi um movimento patrocinado pela prefeitura de Mossoró e depois por outras instituições, organizado pelos setores intelectuais da cidade que teve como ponto de partida a criação da Biblioteca Pública Municipal. Isso não quer dizer que a "batalha" tenha se limitado à biblioteca. O movimento foi muito mais amplo.

Da biblioteca surgiram outras ações "a favor da cultura em Mossoró", como: a criação do Museu Municipal – no mesmo ano da Biblioteca Pública Municipal –, do *Boletim Bibliográfico*, do curso de "Antropologia Cultural", das "Noites da Cultura", da *Coleção Mossoroense* e a criação da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, a ESAM – hoje UFERSA –, em 1967.

Nesse sentido, a *Batalha da Cultura* seguiu o que seria um modelo de desenvolvimento cultural implantado pela prefeitura de São Paulo, em 1935, quando foi criado o Departamento de Cultura do Município de São Paulo, contendo quatro divisões: Expansão Cultural, Bibliotecas, Educação e Recreios, e Documentação Histórica e Social, reunindo serviços e instituições já existentes, como os Parques Infantis, o Teatro Municipal, a Biblioteca Municipal, o Arquivo Municipal e o Serviço de Diversões Públicas (RAFFANI, 2001, p. 31), por iniciativa do prefeito Fábio Prado, apoiado e respaldado por Mário de Andrade, com a finalidade de promover a cultura na cidade (CLARO, 2008, p. 56).

A política cultural da prefeitura de São Paulo, iniciada nos anos 1930, não só influenciou Mossoró, como também diversas cidades do Brasil, tendo em vista que o Departamento de Cultura paulistano era o primeiro dentre os vários que seriam criados em outras cidades do estado e capitais do país, como um protótipo a ser seguido (RAFFANI, 2001, p. 35).

Do modelo paulistano, a *Batalha da Cultura* seguiu a sugestão da criação da biblioteca, do museu e do boletim bibliográfico. O equivalente ao Departamento de Cultura paulistano foi a Diretoria de Divulgação, Ensino

[5] Vingt Rosado e Antônio Rodrigues de Carvalho, na década de 1950, e Raimundo Soares de Souza, na década de 70.

e Cultura, criada na década de 1940, que incentivava financeiramente a produção e expansão cultural na cidade. Mas, que concepção de cultura queria se produzir e expandir em Mossoró?

O tipo de cultura que seria cultivada na "batalha" seria aquela sugerida por Vingt-un Rosado, como mencionamos anteriormente, em consonância com a concepção mais abrangente e múltipla de cultura, defendida pela antropologia cultural anglo-americana. Uma ideia de cultura que abarcasse a dimensão material e "espiritual", como expressou Luís da Câmara Cascudo em seu depoimento acerca da *Batalha da Cultura* em 1948: "Nenhum elemento cultural, impresso ou geológico, resto de osso ou traço humano na pedra, jornal ou desenho, estará dispensando da colheita e da classificação carinhosa desse grupo devotado aos interesses vivos da inteligência coletiva" (DIÁRIO DE NATAL, 1948).

Mesmo diversa e múltipla – material e imaterial – a concepção de cultura da "batalha" se concentrou na produção de um conhecimento voltado para a cultura letrada, intelectual, direcionada para a construção de uma identidade para a cidade, alicerçando-se nos diversos saberes, sobretudo, na história, na paleontologia e na geologia. Esses conhecimentos eram considerados úteis pela intelectualidade que elaborou a política cultural de Mossoró, justamente por produzirem a identidade do espaço mossoroense. E foi a partir deles que a *Batalha da Cultura* se fundamentou. Tal fato justifica a iniciativa do prefeito Dix-sept Rosado em criar, primeiramente, a biblioteca e o museu municipal, porque, nessas instituições, que inicialmente dividiam o mesmo espaço, haveria a ordenação e a circulação dos saberes considerados "utilitários" para a sociedade mossoroense.

A biblioteca e o museu produziriam um processo de espacialização da cultura da cidade. A cultura teria um espaço fixo, imóvel, estaria pronta para ser consumida pela sociedade mossoroense, tanto do presente como do futuro. No presente, as referidas instituições se encarregariam de guardar a memória da cidade e, por conseguinte, construir a própria identidade para o espaço mossoroense. A biblioteca e o museu de Mossoró funcionariam, dessa maneira, como "lugares de memória" (NORA, 1993, p. 7-28) na medida em que foram orientados para a preservação do que seria definido como patrimônio material e intelectual da cidade. Não é a esmo que o Museu Municipal contava, inicialmente, com seções de arqueologia, paleontologia, fotografia, etnografia, arquivo, geologia, numismática e história. Ou seja, elementos essenciais, tanto da cultura material como da imaterial, para a produção de uma memória para a cidade. Eles seriam também os lugares em que a memória coletiva dos mossoroenses se expressaria em seu potencial, daí a importância política e cultural dessas instituições para a "batalha", pois a memória coletiva, construída e cristalizada nelas, funcionaria como um instrumento e um objeto de poder (GOFF, 2003, p. 469). A preservação

de uma dada memória da cidade, na biblioteca e no museu, serviria como elemento essencial para a construção do elo que ligaria os mossoroenses do passado com os do presente.

Assim, a Biblioteca Pública Municipal e o Museu Municipal extrapolam os limites de sua materialidade, representando lugares simbólicos ao permitirem que a memória coletiva, isto é, a identidade mossoroense, se constituísse. A memória seria a base da produção da própria história da cidade. Seria na memória que a história de Mossoró se alimentaria, pois salvaria o passado para servir ao presente e ao futuro (GOFF, 2003, p. 471). Dessa forma, a importância da biblioteca e do museu como "lugares de memória" não se restringe somente ao presente. A posteridade partiria deles para encontrar sentido para sua existência no presente. Essas instituições, como mencionou Vingt-un, garantiriam para o futuro a preservação da cultura através da memória. Eis o objetivo da *Batalha da Cultura:* promover, produzir e conservar uma determinada memória coletiva da cidade para a construção de uma dada identidade cultural. É dessa forma que a emergência da biblioteca e do museu municipal foi importante para as pretensões iniciais da política cultural mossoroense.

Seguindo o modelo do Departamento de Cultura da prefeitura de São Paulo, a Biblioteca Pública e o Museu Municipal de Mossoró passaram a contar com o *Boletim Bibliográfico*. Foi criada por Dix-sept no dia 30 de setembro de 1948, e financiada pela prefeitura de Mossoró através da Diretoria de Divulgação, Ensino e Cultura. A primeira edição do *Boletim Bibliográfico* contou com a organização e a colaboração de intelectuais ligados a Vingt-un Rosado, como Francisco Assis Silva, José Maria Gonçalves Guerra e José Ferreira da Silva. Os objetivos do boletim era publicar e divulgar a produção intelectual que abordasse as temáticas acerca do espaço mossoroense. No entanto, outros temas sobre outros espaços também foram publicados. Outro objetivo era registrar, mensalmente, o número de livros doados a Biblioteca Municipal, detalhando quais as áreas (história, literatura, etnografia, paleontologia, geologia), além de informar o número de visitantes e o grupo social a qual eles pertenciam (estudantes, professores, domésticas, e outros), que frequentavam a biblioteca da cidade. Nesse sentido, como parte integrante da biblioteca e do museu, o *Boletim Bibliográfico* também serviu para a construção de uma dada memória coletiva e, por conseguinte, como dispositivo de produção de discursos identitários acerca do espaço mossoroense. Em larga escala, a maioria dos instrumentos da política cultural criados pela *Batalha da Cultura* esteve a serviço dessa meta, evidentemente assumindo posições e funções diferentes nesse processo.

Enquanto a Biblioteca Pública e o Museu Municipal serviriam para a construção e espacialização de uma memória coletiva, tornando-se os lugares de memória da cidade, o *Boletim Bibliográfico* seria o anexo dessas ins-

tituições, publicando e divulgando os primeiros estudos e artigos sobre o espaço mossoroense.

Paralelo à emergência das instituições supracitadas, houve a ampliação do projeto editorial iniciado com o *Boletim Bibliográfico*. Em 1949, surge a *Coleção Mossoroense* funcionando como mecanismo de publicação e editoração de tudo aquilo que era produzido intelectualmente sobre o espaço mossoroense e região, constituindo-se, inicialmente, de três linhas editoriais: A (folhetos de grandes formatos), B (folhetos menores) e C (livros). Assim como a Biblioteca Pública, o Museu Municipal e o *Boletim Bibliográfico*, a *Coleção Mossoroense* recebeu da prefeitura de Mossoró a maior porcentagem no patrocínio financeiro, de 1949 a 73. Embora, diferente das outras instituições mencionadas, tenha recebido incentivo econômico ao longo de sua existência de vários órgãos ligados ao poder público, ao poder privado do município e até da federação.

As principais tendências editoriais da *Coleção Mossoroense,* desde seu o início, foram publicações de materiais que versassem sobre a história da família Rosado, a história e a geografia de Mossoró e "sua região", a geografia do Nordeste e o problema da seca, principal tema publicado em termos de quantidade. Depois da seca, a família Rosado assume a maior parte dos títulos, seja como autores – no caso, Vingt-un Rosado –, ou por temáticas e assuntos. Boa parte dos livros publicados pela coleção é de autoria de Vingt--un e de sua esposa, América Fernandes Rosado, que também organizava vários títulos da editora. Assim, ela garante e constrói a posteridade de seu marido através da publicação de livros que enunciam o trabalho intelectual e a vida de Vingt-un em Mossoró, inscrevendo-o no cotidiano e na história da cidade e, por conseguinte, imortalizando-o (FELIPE, 2001, p. 121-123).

A coleção ainda teve como linha editorial a reedição dos livros considerados clássicos nas áreas de geologia, botânica, zoogeografia e sobre o semiárido[6]. Para o geógrafo José Lacerda Alves Felipe, essa tendência editorial teve em comum o caráter científico dos trabalhos e dos autores, conferindo credibilidade à *Coleção Mossoroense* junto à comunidade acadêmico-científica e órgãos financiadores, além de projetar tanto a coleção como a família Rosado no circuito editorial nacional. Essa demanda editorial esteve fortemente ligada às visitas de técnicos e cientistas, nacionais e estrangeiros, a cidade entre 1949 e 56. Estes, segundo Vingt-un, trouxeram sua técnica e sua ciência, os seus métodos mais modernos da geofísica e geologia, as suas viaturas, os seus equipamentos, as suas sondas, "animando e enriquecendo, em cores, sons e ritmos" a cultura de Mossoró.

[6] "Geologia do Brasil" de Avelino Ignácio de Oliveira e Othon Henry Leonardos, "Solo e Água no Polígono das Secas", "Vegetação xerófita do Nordeste", ambos de Guimarães Duque, "Zoogeografia do Brasil", de Candido de Mello Leitão, "Plantas do Nordeste", de Renato Braga, "Estudo Botânico do Nordeste", de Philipp Von Luetzelburg, "Geologia alimentar", de John C. Branner e "Serras e Montanhas do Nordeste", de Luciano Jacques de Morais (FELIPE, 2001, p. 122).

Além dos "clássicos" da literatura científica, a *Coleção Mossoroense* reeditou, na década de 1990, os quatro primeiros livros de Luís da Câmara Cascudo (*Alma Patrícia*, *Histórias que o tempo leva*, *Joio* e *Lopez do Paraguay*) em homenagem ao centenário de nascimento do autor. A reeditação dos livros de Cascudo foi apresentada como um feito pioneiro da cidade de Mossoró. Vingt-un, incentivador do projeto, registra a importância dessa ação e do "pioneirismo" mossoroense em relação à falta de iniciativa por parte da cidade natal de Cascudo. Mais do que reeditar os primeiros livros de Cascudo, a *Coleção Mossoroense* se lançou nacionalmente através dessa diligência. As obras de Luís da Câmara Cascudo contribuíram para que a instituição reunisse as condições necessárias para a sua projeção editorial no âmbito nacional.

Contudo, a tendência editorial que mais contribuiu para a legitimidade da *Coleção Mossoroense*, enquanto uma instituição produtora de discursos identitários acerca do espaço mossoroense, foi a publicação de títulos sobre a história de Mossoró e da sua região. Temas como abolição da escravatura e a resistência da cidade ao bando de Lampião, em 1927, despontaram como sendo as principais histórias e imagens de Mossoró. Esses eventos serviram de alicerces para a emergência de enunciados que construíram a própria identidade histórica e cultural do município. A história serviu como espaço de inscrição e construção da própria cidade. A urbe não pode ser considerada apenas como constructo de sua materialidade, é também fruto dos discursos que enunciam sobre ela e das práticas que nela se decorrem. A história se configura como a expressão da cidade, produzindo sentido a partir do passado para os cidadãos do seu presente. A história como tema da linha editorial da *Coleção Mossoroense*, possibilita, ainda, a construção do "horizonte de expectativa"[7] em torno das futuras gerações:

> São numerosos os trabalhos referentes à história de Mossoró e outras localidades da zona oeste formando um valioso acervo para leitura e consulta dos estudiosos. Os temas abordados, na sua diversificação, completam-se no objetivo comum de bem informar na transmissão às gerações vindouras da cidade... Ela [a *Coleção Mossoroense*] cresce e se enobrece na convicção de que no futuro constituirá um inestimável subsídio na convicção para a história da província na extensão do seu significado. Cada um, em sua área, oferece a sua contribuição, numa espécie de mutirão, para a construção da história do seu município (ROSADO, 2000, p. 119).

[7] Para Reinhart Koselleck, o "horizonte de expectativa" é o futuro do presente, uma categoria da história voltada para o "ainda-não", para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. "Horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado" (KOSELLECK, 2006, p. 310-311).

Tudo aquilo que é produzido e publicado na *Coleção Mossoroense* serve, ao mesmo tempo, para a instituição da identidade do espaço de Mossoró e de pecúlio documental para que novos estudos sobre a cidade possam ser possíveis no futuro. A coleção passa ser o lugar onde o futuro encontrará a memória do passado da cidade. O tempo pretérito confere sentido ao presente através da teia identitária instituída pela história produzida pelos intelectuais ligados à coleção. Intelectuais que contribuíram não só com a publicação de títulos na coleção, mas atuaram também na produção de um conhecimento oral mediante a participação em palestras e cursos.

O curso de "Antropologia Cultural", promovido pela prefeitura de Mossoró durante a administração de Vingt Rosado, nos anos 1950, foi um dos primeiros eventos ocorridos com intuito de promover palestras e aulas sobre vários estudos da história, da cultura e da sociedade mossoroense. Dentre os palestrantes e cursos, podemos citar, respectivamente: "Sociologia da Abolição em Mossoró", de Luís da Câmara Cascudo; "A Geologia da Região de Mossoró e Suas Consequências Culturais", de Vingt-un Rosado; "Esboço Histórico do Futebol Mossoroense", de Manoel Leonardo Nogueira; "História da Arte Musical em Mossoró", de Dalva Estela Nogueira; "O Colégio Antônio Gomes, Centro Pioneiro da Educação Secundária de Mossoró", de João Batista Cascudo Rodrigues; e "Tipos de Povoamento Rural", de Hélio Galvão. Boa parte dessas aulas foi publicada no *Boletim Bibliográfico* ou na série "B" da *Coleção Mossoroense* nos anos 1950. Posteriormente, na década de 70, outros estudos e temas foram abordados em formato de palestras promovidas pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal e pela ESAM. Denominada de "Noites da Cultura", essas palestras ministradas pelos intelectuais da cidade e de outros lugares também se configurariam como parte integrante do processo de construção identitária do espaço mossoroense.

Na realização das "Noites da Cultura", havia, além dos cursos ministrados, a presença de shows artísticos, realização de concursos literários sobre os eventos da história da cidade – por exemplo, a abolição –, além da publicação das palestras e de cursos em formato de plaquetes ou de livros na *Coleção Mossoroense*. A ESAM teve um papel fundamental nesse momento, tendo em vista que grande parte das obras publicadas foi financiada por seus cofres. É por isso que Vingt-un considera a ESAM como parte integrante da *Batalha da Cultura*. Segundo ele, foi ela que passou a liderar o movimento a partir de 1974, sendo responsável pela publicação de várias plaquetes, patrocinando a publicação de volumes da série "A" da *Coleção Mossoroense*, bem como reeditando obras esgotadas, sobretudo, aquelas ligadas às temáticas da geologia, da geografia e da seca.

A emergência da ESAM, em 1967, representou, para Vingt-un, o passo mais importante para a realização dos anseios da *Batalha da Cultura*.

Exatamente porque possibilitou as condições necessárias para a construção de uma cultura letrada e científica acerca do problema com o qual o espaço mossoroense mais convivia: a questão da seca. A ESAM não só concretizou os sonhos de Vingt-un, ela garantiu prestígio à própria família Rosado na medida em que se colocou como parte integrante da *Batalha da Cultura* e é por isso que Vingt-un estendeu o período da "batalha" até à data de sua criação. Além disso, Vingt-un teria na concretização do seu "sonho esaminiano" a sua imortalidade. A ESAM rendeu-lhe a materialização de um projeto de cultura e de saber voltado para a cidade e é dessa maneira que esta instituição fez parte da *Batalha da Cultura*. Isso demonstra também a estratégia de Vingt-un de estender a "batalha" até à criação da ESAM, justamente porque o movimento cultural promoveu reconhecimento à própria família Rosado.

Desde a emergência da Biblioteca Pública e o Museu Municipal, nos anos quarenta até a ESAM, em 1967, todo o esforço do projeto da *Batalha da Cultura* teria sido concretizado. O objetivo dessa política cultural era a promoção de uma cultura letrada e científica acerca do espaço mossoroense e, por conseguinte, a construção da sua própria identidade.

Referências

Fontes:

Jornal **A Ordem**, Natal, 1947.

Jornal **Diário de Natal**, Natal, 1948-1949.

Jornal **O Mossoroense**, Mossoró, 1948-1949.

Revista Preá, Natal, 2003, p. 39-46.

Bibliografia

ANDRADE, Manuel Correia de. "Vingt-un Rosado". In: FELIPE, José Lacerda A. (Org.). **Vingt-un:** o intelectual e o cidadão. Natal: EDUFRN, 2004.

BRITO, Raimundo Soares de. **Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura.** Mossoró: ESAM, 1986 (Coleção Mossoroense, Série C).

CLARO, Silene Ferreira. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo:** um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e as mudanças na trajetória – 1935-1950). 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DELGADO, Lucilia Alves de Almeida. **Partidos políticos e Frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia Alves de Almeida. **O Brasil Republicano:** o tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FELIPE, José Lacerda Alves. **A (re) invenção do lugar:** os Rosados e o país de Mossoró. 1°ed. João Pessoa: Grafset, 2001.

GOFF, Jacques Le. **História e Memória.** São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-RJ, 2006.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

RAFFAINI, Patrícia Tavares. **Esculpindo a cultura na forma Brasil**: o Departamento de Cultura de São Paulo. São Paulo: Humanitas; FFLCH; USP, 2001.

ROSADO, Vingt-un. A Geologia da Região de Mossoró e suas conseqüências culturais. **Boletim Bibliográfico**. Mossoró, n. 95-100, 1956.

ROSADO, Vingt-un. **Batalha da cultura:** saga e catálogo. Mossoró: ESAM, 1979 (Coleção Mossoroense, Série C).

ROSADO, Vingt-un. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Livro I. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2000 (Coleção Mossoroense, Série C).

ROSADO, Vingt-un. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Livro II. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2000 (Coleção Mossoroense, Série C).

ROSADO, Vingt-un. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Livro VII. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2000 (Coleção Mossoroense, Série C).

ROSADO, Vingt-un. **Notícia sobre a Batalha da Cultura.** Mossoró: ESAM; Universidade Federal da Paraíba, 1978 (Coleção Mossoroense, v.70).

SABINO, D.. **Vingt-un e a Cultura**. Mossoró: Coleção Vingt-un, 1990 (Coleção Mossoroense, Série C).

SILVA, Lemuel Rodrigues da. **Os Rosados encenam:** estratégias e instrumentos da consolidação do mando. Mossoró: Queima-bucha, 2004.

Artigo recebido em 22/03/2012 e aceito para publicação em 13/06/2012.